

PETIÇÃO 5.700 DISTRITO FEDERAL

RELATOR : MIN. CELSO DE MELLO  
REQTE.(S) : MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL  
PROC.(A/S)(ES) : PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

**EMENTA:** 1. O pedido do Procurador-Geral da República. 2. Os fatos **alegadamente** delituosos. 3. A colaboração premiada, *que não é meio de prova*, **acha-se legalmente disciplinada como instrumento de obtenção** de dados e subsídios informativos. **Valor e restrição concernentes ao depoimento do agente colaborador. O “Caso Enzo Tortora” na Itália: um clamoroso erro judiciário.** 4. A investigação penal como dever jurídico e resposta legítima do Estado à “*notitia criminis*”: o investigado como sujeito de direitos e titular de garantias oponíveis ao Estado. 5. A presunção constitucional de inocência não cessa nem deixa de prevalecer em face da instauração de investigação penal **e/ou** de processo criminal. 6. **Regime de sigilo e direito do investigado** (e de seu Advogado) *de conhecimento e acesso* aos elementos de informação **constantes** dos autos, **inclusive ao depoimento do agente colaborador. O princípio da comunhão da prova.** 7. **Desmembramento** da investigação criminal **em relação aos que não dispõem** de prerrogativa de foro perante o Supremo Tribunal Federal. 8. **Autorização para abertura de inquéritos individualizados em relação** a Senador da República e a Ministro de Estado **e deferimento** de outros pedidos.

**DECISÃO:**

**1. O pedido do Procurador-Geral da República**

O eminente Procurador-Geral da República, em face do depoimento de Ricardo Ribeiro Pessoa **prestado** em 29/05/2015, **constante do Termo de Colaboração nº 29 resultante do regime de colaboração premiada disciplinado** na Lei nº 12.850/2013, **por vislumbrar** a ocorrência de condutas que, *em tese, caracterizariam, “pelo menos, e em regime inicial de apuração”* (fls. 51), **a suposta prática do crime eleitoral de falsidade ideológica (Código Eleitoral, art. 350) e do delito de lavagem de dinheiro (Lei nº 9.613/98, art. 1º, § 1º, inciso I), requer “a instauração de inquéritos – individualizados – para aprofundar a investigação dos fatos”** (fls. 52) **nos quais** poderiam estar **aleadamente** envolvidos **o Senador Aloysio Nunes Ferreira Filho e o Ministro de Estado Aloizio Mercadante Oliva.**

O Chefe do Ministério Público da União **também requer a separação** da presente investigação penal, **caso determinada** a instauração **dos inquéritos em referência, de tal modo que remanesçam, nesta Corte Suprema, apenas** os procedimentos investigatórios **contra** as autoridades **detentoras** de prerrogativa de foro **perante** o Supremo Tribunal Federal, **ordenando-se** a extração de cópias **e** a posterior remessa de todas as peças à Justiça Eleitoral de São Paulo (Capital) **e** de Minas Gerais (Belo Horizonte) **para apuração** dos fatos **concernentes, respectivamente, a José de Fillipi Junior e a Valdemar da Costa Neto (São Paulo) e a Hélio Costa (Minas Gerais).**

**2. Os fatos aleadamente delituosos**

O Senhor Procurador-Geral da República, **tendo por fundamento** as declarações **prestadas pelo agente colaborador** (fls. 05/12) **e delas inferindo**

possível ocorrência de fatos criminosos eventualmente imputáveis, quanto à sua autoria, aos ora requeridos, **assim justificou**, no ponto, o pedido de instauração de Inquérito (fls. 40 e 50/52):

**“II. Dos fatos especificamente relacionados ao caso concreto**

*Foi no contexto de sua colaboração premiada que RICARDO RIBEIRO PESSOA, sócio majoritário do grupo empresarial UTC e réu em ação penal proposta em razão dos fatos ilícitos desvendados no contexto da investigação criminal que se denominou ‘Caso Lava Jato’, declinou ‘complementarmente’ fatos criminosos que foram praticados, em princípio, também por políticos com prerrogativa de foro no STF mas sem correlação, até onde se sabe no presente momento, com as fraudes da Petrobras.*

.....  
*No âmbito da competência do Supremo Tribunal Federal, tal como realizado em relação a todos os demais casos, há indicativos objetivos ‘mínimos’ que, mediante recebimento em dinheiro não declarado para fins de campanha e sua respectiva ocultação, apontam para a prática, em tese, pelo menos, dos delitos previstos nos arts. 350 do Código Eleitoral e art. 1º, § 1º, I, da Lei n. 9.613 (na redação da Lei 12.683/2012) por ALOÍSIO MERCADANTE e ALUÍSIO NUNES FERREIRA, nos moldes em que narrado pelo colaborador.*

*Com efeito, em relação a ambos, o colaborador deixou bastante expresso (com alguma riqueza de detalhes suficientes para a instauração formal de inquérito) que houve solicitação e pagamento de doações em ‘dinheiro’ (sem contabilização), com ulterior possível ocultação, e que ambos os parlamentares estavam presentes em reuniões e, se pelo menos não expressamente requereram (o que demandará apuração), assentiram na solicitação por intermédio de seus representantes de campanhas.*

**III. Fundamentos**

*Com o recebimento dos valores para fins de campanha eleitoral não-contabilizados, as condutas noticiadas acima podem*

caracterizar, pelo menos, e em regime inicial de apuração, os crimes previstos no art. 350 do Código Eleitoral e no art. 1º, § 1º, I, da Lei 9.613:

*'Art. 350. Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita, para fins eleitorais:*

***Pena** – reclusão até cinco anos e pagamento de 5 a 15 dias-multa, se o documento é público, e reclusão até três anos e pagamento de 3 a 10 dias-multa, se o documento é particular.*

***Art. 1º** Ocultar ou dissimular a natureza, origem, localização, disposição, movimentação ou propriedade de bens, direitos ou valores provenientes, direta ou indiretamente, de infração penal (**Redação dada** pela Lei nº 12.683, de 2012).*

*[...] § 1º Incorre na mesma pena quem, para ocultar ou dissimular a utilização de bens, direitos ou valores provenientes de infração penal: (**Redação dada** pela Lei nº 12.683, de 2012)*

***I - os converte em ativos lícitos;'***

*Desta forma, diante da notícia de infrações em que a iniciativa da ação é pública **incondicionada**, necessária a **instauração de inquéritos – individualizados** – para **aprofundar** a investigação dos fatos." (grifei)*

*3. **A colaboração premiada, que não é meio de prova, acha-se legalmente disciplinada como instrumento de obtenção de dados e subsídios informativos. Valor e restrição concernentes ao depoimento do agente colaborador. O "Caso Enzo Tortora" na Itália: um clamoroso erro judiciário***

***Registro**, inicialmente, que o instituto da **colaboração premiada**, **especialmente** nos termos em que disciplinado pela Lei nº 12.850/2013 (arts. 4º a 7º), **vem sendo reconhecido**, por esta Suprema Corte, **com apoio***

no magistério doutrinário (VALDOIR BERNARDI DE FARIAS, “**Delação Premiada: constitucionalidade, aplicabilidade e valoração**”, p. 135/158, **153**, “in” “Temas Contemporâneos de Direito”, org. por José Carlos Kraemer Bortoloti e Luciane Drago Amaro, 2009, Méritos Editora, v.g.), como relevante instrumento de obtenção de prova, **e não como meio de prova** (**HC 127.483/PR**, Rel. Min. DIAS TOFFOLI, Pleno), **refletindo**, em seu tratamento normativo, **o que se delineou, no plano das relações internacionais, na Convenção de Palermo (Artigo 26) e na Convenção de Mérida (Artigo 37), ambas subscritas pelo Brasil e formalmente já incorporadas** ao sistema de direito positivo interno de nosso País **em virtude** da promulgação, *respectivamente*, **do Decreto nº 5.015/2004 e do Decreto nº 5.687/2006.**

**Embora** sofrendo críticas **por parte** de eminentes autores (CEZAR ROBERTO BITENCOURT e PAULO CÉSAR BUSATO, “**Comentários à Lei de Organização Criminosa**”, p. 115/117, item n. 1, 2014, Saraiva; RÔMULO DE ANDRADE MOREIRA, “**A Delação no Direito Brasileiro**”, v.g.), **o fato é que a Lei nº 12.850/2013** “(...) traz aspectos positivos ao garantir ao delatado maior possibilidade de questionar o depoimento do delator, ao buscar diminuir a possibilidade de erro judiciário vedando-se condenação com fundamento exclusivo em delação, ao procurar garantir a integridade física do colaborador e ao regulamentar o acordo de colaboração, o que antes inexistia”, tal como assinalam ROBERTO DELMANTO, ROBERTO DELMANTO JUNIOR e FABIO M. DE ALMEIDA DELMANTO (“**Leis Penais Especiais Comentadas**”, p. 1.003/1.051, **1.031**, 2ª ed., 2014, Saraiva – grifei), **cuja lição**, no entanto, **ainda que reconhecendo a eficácia** desse instituto “na apuração de gravíssimos crimes”, **não deixa de questionar-lhe** os aspectos no plano ético.

*Sendo esse o contexto*, **passo a apreciar** o pleito formulado pelo Senhor Procurador-Geral da República, **fazendo**, no entanto, **algumas considerações** que reputo essenciais ao exame do tema **pertinente ao regime**

de colaboração premiada, **tendo em vista** o fato de que a pretendida instauração de inquérito, *no caso, fundamenta-se, precisamente, em depoimento prestado por agente colaborador.*

*Como se sabe*, o Supremo Tribunal Federal **tem admitido** a utilização *do instituto da colaboração premiada* (cujo “nomen juris” anterior era o de delação premiada), **ressalvando**, no entanto, **bem antes** do advento da **Lei nº 12.850/2013** (art. 4º, § 16), que **nenhuma** condenação penal **poderá** ter *por único fundamento* as declarações do agente colaborador (**HC 94.034/SP**, Rel. Min. CÁRMEN LÚCIA – **RE 213.937/PA**, Rel. Min. ILMAR GALVÃO, v.g.):

*“**PROVA – DELAÇÃO – VALIDADE.** Mostra-se fundamentado o provimento judicial quando há referência a depoimentos que respaldam delação de co-réus. **Se**, de um lado, a delação, de forma isolada, não respalda condenação, de outro, serve ao convencimento quando consentânea com as demais provas coligidas.”*

(**HC 75.226/MS**, Rel. Min. MARCO AURÉLIO – grifei)

**O aspecto** que venho de ressaltar – **impossibilidade de condenação penal** com suporte *unicamente* em depoimento **prestado** pelo agente colaborador, **tal como acentua a doutrina** (EDUARDO ARAÚJO DA SILVA, “Organizações Criminosas: aspectos penais e processuais da Lei nº 12.850/13”, p. 71/74, item n. 3.6, 2014, Atlas, v.g.) – **constitui importante limitação de ordem jurídica** que, **incidindo** sobre os poderes do Estado, **objetiva impedir que falsas imputações dirigidas** a terceiros “sob pretexto de colaboração com a Justiça” **possam provocar inaceitáveis erros judiciários**, com **injustas** condenações de pessoas inocentes.

Na realidade, o regime de colaboração premiada, definido pela Lei nº 12.850/2013, **estabelece** mecanismos **destinados a obstar abusos** que possam ser cometidos **por intermédio** da ilícita utilização desse instituto, **tanto** que, **além da expressa vedação já referida** (“lex. cit.”, art. 4º, § 16), o

diploma legislativo em questão **também pune como crime, com pena de 1 a 4 anos de prisão e multa, a conduta de quem imputa** “falsamente, sob pretexto de colaboração com a Justiça, a prática de infração penal a pessoa que sabe ser inocente” **ou daquele que revela** “informações sobre a estrutura de organização criminosa que sabe inverídicas” (art. 19).

*Com tais providências*, o legislador brasileiro **procurou neutralizar, em favor** de quem sofre a imputação **emanada** de agente colaborador, **os mesmos efeitos perversos** da denúncia caluniosa **revelados, na experiência italiana**, pelo “*Caso Enzo Tortora*” (na década de 80), **de que resultou clamoroso erro judiciário**, porque se tratava *de pessoa inocente, injustamente delatada por membros* de uma organização criminosa napolitana (“*Nuova Camorra Organizzata*”) que, **a pretexto** de cooperarem com a Justiça (e de, *assim*, obterem os benefícios legais correspondentes), **falsamente incriminaram Enzo Tortora, então** conhecido apresentador de programa de sucesso na RAI (“*Portobello*”).

*Mais do que isso, cumpre ter presente, ainda, a correta observação* feita pelo eminente Ministro TEORI ZAVASCKI **no julgamento do HC 127.186/PR, de que foi Relator, ocasião em que expendeu considerações relevantes em torno** do instituto da colaboração premiada, **advertindo, com absoluta procedência**, com fundamento na legislação pertinente (Lei nº 12.850/2013, art. 4º, “*caput*” e § 6º), que “*seria extrema arbitrariedade (...) manter a prisão preventiva [de alguém] como mecanismo para extrair do preso uma colaboração premiada, que, segundo a lei, deve ser voluntária*” (grifei), **concluindo, com inteiro acerto**, que “*Subterfúgio dessa natureza, além de atentatório aos mais fundamentais direitos consagrados na Constituição, constituiria medida medievalsca que cobriria de vergonha qualquer sociedade civilizada*” (grifei).

**Registre-se**, de outro lado, *por necessário*, que o Estado **não poderá** utilizar-se da denominada “*corroboração recíproca ou cruzada*”, **ou seja, não poderá impor** condenação ao réu **pelo fato** de *contra este* existir,

unicamente, depoimento de agente colaborador **que tenha sido confirmado**, tão somente, por outros delatores, **valendo destacar**, quanto a esse aspecto, **a advertência** do eminente Professor GUSTAVO BADARÓ (“O Valor Probatório da Delação Premiada: sobre o § 16 do art. 4º da Lei nº 12.850/2013”):

*“A título de conclusão, podem ser formulados os seguintes enunciados:*

*A regra do § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13 aplica-se a todo e qualquer regime jurídico que preveja a delação premiada.*

*O § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13, ao não admitir a condenação baseada exclusivamente nas declarações do delator, implica uma limitação ao livre convencimento, como técnica de prova legal negativa.*

*É insuficiente para o fim de corroboração exigido pelo § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13 que o elemento de confirmação de uma delação premiada seja outra delação premiada, de um diverso delator, ainda que ambas tenham conteúdo concordante.*

*Caso o juiz fundamente uma condenação apenas com base em declarações do delator, terá sido contrariado o § 16 do art. 4º da Lei 12.850/13 (...).” (grifei)*

4. A investigação penal como dever jurídico e resposta legítima do Estado à “notitia criminis”: o investigado como sujeito de direitos e titular de garantias oponíveis ao Estado

Feitas tais considerações, passo a examinar o pedido formulado pelo eminente Procurador-Geral da República, **que pretende a instauração** de inquéritos policiais, separados e individualizados, em relação ao Senador Aloysio Nunes Ferreira Filho e ao Ministro de Estado Aloizio Mercadante Oliva.

**É certo que a jurisprudência** do Supremo Tribunal Federal **tem reconhecido** que a mera instauração de inquérito policial, só por si, não

**constitui** situação caracterizadora *de injusto* constrangimento, **mesmo porque se impõe** ao Poder Público, nos delitos perseguíveis **mediante** ação penal pública *incondicionada*, **adotar** as providências necessárias **ao integral** esclarecimento da prática delituosa.

Por tal razão, **firmou-se**, nesta Suprema Corte, **orientação jurisprudencial** no sentido de que “*a simples apuração da ‘notitia criminis’ não constitui constrangimento ilegal a ser corrigido pela via do ‘habeas corpus’*” (RTJ 78/138).

**É por tal motivo** que a não realização da investigação penal (**quer** por recusa de sua instauração, **quer** por sua extinção ou trancamento) **só** se justificará, *excepcionalmente*, **na linha** da jurisprudência do Supremo Tribunal Federal (RT 742/533 – RT 747/597 – RT 749/565 – RT 753/507 – RTJ 168/498-499, *v.g.*), **se** os fatos puderem, **desde logo**, evidenciar-se como “*inexistentes ou não configurantes, em tese, de infração penal*” (RT 620/368), **pois** – *insista-se* –, **havendo** suspeita de crime, **e existindo elementos idôneos** de informação **que autorizem** a investigação penal do episódio delituoso, *tornar-se-á essencial proceder à ampla apuração dos fatos, satisfazendo-se, desse modo, com a legítima instauração* do pertinente inquérito, **a um imperativo inafastável fundado na necessidade ético-jurídica** de sempre se promover a busca da **verdade real, tal como tem sido decidido** por esta Suprema Corte (RTJ 181/1039-1040, Rel. Min. CELSO DE MELLO, *v.g.*).

Esse entendimento – **que se reflete** na jurisprudência dos Tribunais (RT 590/450 – RT 598/321 – RT 603/365 – RT 610/321 – RT 639/296-297 – RT 729/590) – **também encontra apoio** em autorizado magistério doutrinário, como se vê da lição de JULIO FABBRINI MIRABETE (“Código de Processo Penal Interpretado”, p. 1.424, item n. 648.2, 7ª ed., 2000, Atlas):

*“Em regra, o ‘habeas corpus’ não é meio para trancar inquérito policial, porque, para a instauração do procedimento inquisitório, basta haver elementos indicativos da ocorrência de*

*fato que, em tese, configura ilícito penal, e indícios que apontem determinada pessoa ou determinadas pessoas como participantes do fato típico e antijurídico. Se os fatos configuram crime em tese, o inquérito policial não pode ser trancado por falta de justa causa.”*  
(grifei)

Os presentes autos **noticiam** fatos que, *em tese*, **poderiam** configurar práticas delituosas cuja materialidade e autoria **estão a reclamar ampla investigação destinada** a produzir elementos e subsídios informativos consistentes, **com o objetivo de apurar, em face do contexto em exame, a realidade** dos eventos referidos na “*notitia criminis*” **veiculada** no depoimento *de agente colaborador* (Ricardo Ribeiro Pessoa, no caso).

As circunstâncias expostas no depoimento *que venho de mencionar, que evidenciariam* a suposta ocorrência de práticas delituosas **perseguíveis** mediante ação penal pública *incondicionada*, **tornam indispensável**, em sede de regular “*informatio delicti*”, **o aprofundamento** da investigação dos delitos noticiados (**crime eleitoral** de falsidade ideológica e **delito** de lavagem de dinheiro).

**A investigação penal**, *em contexto como o ora referido*, **traduz incontornável dever jurídico do Estado e constitui**, por isso mesmo, resposta legítima do Poder Público ao que se contém na “*notitia criminis*”.

A indisponibilidade da pretensão investigatória do Estado **impede** que os órgãos públicos competentes **ignorem aquilo** que se aponta na “*notitia criminis*”, **motivo pelo qual se torna imprescindível a apuração dos fatos delatados**, com o consequente e necessário aprofundamento da investigação estatal.

**É por tal razão** – observa RENATO BRASILEIRO DE LIMA (“**Curso de Processo Penal**”, p. 86/87, item n. 6.7, 2003, Impetus) – **que**, “*Ao tomar conhecimento de notícia de crime de ação penal pública incondicionada, a autoridade policial é obrigada a agir de ofício, independentemente de provocação*”

*da vítima e/ou qualquer outra pessoa. Deve, pois, instaurar o inquérito policial de ofício, nos exatos termos do art. 5º, I, do CPP, procedendo, então, às diligências investigatórias no sentido de obter elementos de informação quanto à infração penal e sua autoria. Para a instauração do inquérito policial, basta a notícia de fato formalmente típico (...)*”.

**O significado e a importância da “notitia criminis”** – cabe lembrar – **vêm ressaltado** no magistério de eminentes doutrinadores, **que nela vislumbram um expressivo meio justificador da instauração da investigação penal, pois, transmitido às autoridades públicas o conhecimento** de suposta prática delituosa **perseguível** mediante ação penal pública *incondicionada*, **a elas incumbe, por dever de ofício, promover** a concernente apuração da materialidade e da autoria dos fatos e eventos *aleadamente* transgressores do ordenamento penal (JOSÉ FREDERICO MARQUES, “**Elementos de Direito Processual Penal**”, vol. I/107-114, itens ns. 70-74, e vol. II/124, item n. 312, 3ª atualização, 2009, Millennium; EDILSON MOUGENOT BONFIM, “**Código de Processo Penal Anotado**”, p. 53/57, 3ª ed., 2010, Saraiva; EUGÊNIO PACELLI DE OLIVEIRA, “**Curso de Processo Penal**”, p. 39/42, item n. 4.1, 9ª ed., 2008, Lumen Juris; DENILSON FEITOZA, “**Direito Processual Penal – Teoria, Crítica e Práxis**”, p. 178, item n. 5.7, 6ª ed., 2009, Impetus; RENATO BRASILEIRO DE LIMA, “**Curso de Processo Penal**”, p. 92/93, item n. 8, 2013, Impetus; E. MAGALHÃES NORONHA, “**Curso de Direito Processual Penal**”, p. 18/19, item n. 8, 19ª ed., 1989, Saraiva; FERNANDO CAPEZ e RODRIGO COLNAGO, “**Código de Processo Penal Comentado**”, p. 24, 2015, Saraiva; CARLOS FREDERICO COELHO NOGUEIRA, “**Comentários ao Código de Processo Penal**”, vol. 1/187-193, itens ns. 55-58, 2002, Edipro; JULIO FABBRINI MIRABETE, “**Processo Penal**”, p. 64/68, item n. 3.3, 18ª ed., 2008, Atlas, v.g.).

**O pleito** de abertura de investigação penal **formulado** pelo eminente Procurador-Geral da República, **por referir-se** a crimes **perseguíveis** mediante ação penal pública *incondicionada*, **resulta, precisamente, do que**

**venho de expor:** o dever jurídico do Estado de promover a apuração da autoria e materialidade dos fatos delituosos **narrados** por “qualquer pessoa do povo”, **inclusive** aqueles delatados **por agentes colaboradores**, como na espécie.

5. A presunção constitucional de inocência não cessa nem deixa de prevalecer em face da instauração de investigação penal e/ou de processo criminal

**Cabe registrar**, no ponto, por oportuno e necessário, que a mera instauração de inquérito, tanto quanto a abertura de processo penal em juízo, não afetam a presunção constitucional de inocência, **eis que qualquer pessoa, sem exceção, presume-se inocente, independentemente da natureza e da gravidade** dos crimes cuja prática lhe tenha sido imputada, **subsistindo** essa presunção de inocência, que tem fundamento na própria Constituição da República (CF, art. 5º, LVII), **até que sobrevenha o trânsito em julgado** de sentença penal condenatória.

**Há, portanto, um momento claramente definido** no texto constitucional **a partir do qual se descaracteriza** a presunção de inocência, **vale dizer**, aquele instante **em que sobrevém o trânsito em julgado** da condenação criminal. **Antes** desse momento – **insista-se** –, o Estado **não pode** tratar os indiciados ou réus **como se** culpados fossem. **A presunção** de inocência **impõe, desse modo**, ao Poder Público **um dever** de tratamento **que não pode ser desrespeitado** por seus agentes e autoridades, **tal como tem advertido** a jurisprudência do Supremo Tribunal Federal:

**“O POSTULADO CONSTITUCIONAL DA PRESUNÇÃO DE INOCÊNCIA IMPEDE QUE O ESTADO TRATE, COMO SE CULPADO FOSSE, AQUELE QUE AINDA NÃO SOFREU CONDENAÇÃO PENAL IRRECORRÍVEL.**

– A prerrogativa jurídica da liberdade – que possui extração constitucional (CF, art. 5º, LXI e LXV) – não pode ser ofendida por interpretações doutrinárias ou jurisprudenciais que, fundadas em preocupante discurso de conteúdo autoritário, culminam por consagrar, paradoxalmente, em detrimento de direitos e garantias fundamentais proclamados pela Constituição da República, a ideologia da lei e da ordem.

Mesmo que se trate de pessoa acusada da suposta prática de crime hediondo, e até que sobrevenha sentença penal condenatória irrecorrível, não se revela possível – por efeito de insuperável vedação constitucional (CF, art. 5º, LVII) – presumir-lhe a culpabilidade.

Ninguém pode ser tratado como culpado, qualquer que seja a natureza do ilícito penal cuja prática lhe tenha sido atribuída, sem que exista, a esse respeito, decisão judicial condenatória transitada em julgado.

O princípio constitucional da presunção de inocência, em nosso sistema jurídico, consagra, além de outras relevantes conseqüências, uma regra de tratamento que impede o Poder Público de agir e de se comportar, em relação ao suspeito, ao indiciado, ao denunciado ou ao réu, como se estes já houvessem sido condenados, definitivamente, por sentença do Poder Judiciário. Precedentes.”

(HC 96.095/SP, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

De outro lado, a presunção de inocência, enquanto limitação constitucional ao poder do Estado, faz recair sobre o órgão da acusação, agora de modo muito mais intenso, o ônus substancial da prova, fixando diretriz a ser indeclinavelmente observada pelo magistrado e pelo legislador.

É preciso sempre lembrar, por isso mesmo, a advertência, constante do magistério jurisprudencial desta Suprema Corte, no sentido de que não compete ao réu demonstrar a sua inocência. Antes, cabe ao Ministério Público

**comprovar**, de forma inequívoca, em plenitude, **para além** de qualquer dúvida razoável, a **culpabilidade** do acusado (**RTJ 161/264-266**, Rel. Min. CELSO DE MELLO).

**O fato indiscutivelmente relevante, no domínio processual penal, é que**, no âmbito de uma formação social organizada **sob a égide** do regime democrático, **não se justifica** a formulação, **seja por antecipação ou seja por presunção**, de **qualquer** juízo condenatório, que deve, **sempre**, respeitada, **previamente**, a garantia do devido processo, assentar-se – **para que se qualifique como ato revestido de validade ético-jurídica** – **em elementos de certeza**, os quais, **ao dissiparem** ambiguidades, **ao esclarecerem** situações equívocas **e ao desfazerem** dados eivados de obscuridade, **revelam-se capazes** de informar, **com objetividade**, o órgão judiciário competente, **afastando**, desse modo, **dúvidas razoáveis, sérias e fundadas em torno da culpabilidade do acusado**.

**Meras conjecturas** – **que sequer podem conferir suporte material a qualquer acusação penal** – **não se revestem**, em sede processual penal, **de idoneidade jurídica**. **Não se pode** – tendo-se presente a presunção constitucional de inocência dos réus – **atribuir** relevo e eficácia a juízos **meramente** conjecturais, **para**, com fundamento neles, **apoiar** um **inadmissível** decreto condenatório **e deste extrair, sem** que ocorra o respectivo **trânsito** em julgado, **consequências** de índole penal ou extrapenal **compatíveis**, no plano jurídico, **unicamente** com um título judicial **qualificado** pela nota da definitividade.

**É sempre importante advertir, na linha** do magistério jurisprudencial **e em respeito** aos princípios estruturantes do regime democrático, que, **“Por exclusão, suspeita ou presunção, ninguém pode ser condenado em nosso sistema jurídico-penal”** (**RT 165/596**, Rel. Des. VICENTE DE AZEVEDO – grifei).

Na realidade, **os princípios democráticos** que informam o modelo constitucional **consagrado** na Carta Política de 1988 **repelem** qualquer comportamento estatal **que transgrida** o dogma de que *não haverá culpa penal por presunção nem responsabilidade criminal por mera suspeita* (RT 690/390 – RT 698/452-454).

**É por essa razão** que a jurisprudência desta Suprema Corte **ênfatiza**, com particular veemência, que “**Não podem repercutir** contra o réu situações jurídico-processuais **ainda não definidas** por decisão **irrecorrível** do Poder Judiciário, **especialmente** naquelas hipóteses **de inexistência** de título penal condenatório **definitivamente** constituído” (RTJ 139/885, Rel. Min. CELSO DE MELLO).

**6. Regime de sigilo e direito do investigado (e de seu Advogado) de conhecimento e acesso aos elementos de informação constantes dos autos, inclusive ao depoimento do agente colaborador. O princípio da comunhão da prova**

**Examino**, agora, o **pedido** de acesso aos autos **formulado** pelo Senador Aloysio Nunes Ferreira Filho, **protocolado**, nesta Corte, **sob** o nº 0045850/2015.

A **postulação em causa**, *que tem suporte jurídico na Súmula Vinculante nº 14/STF*, **mostra-se acolhível**, **pois**, *mesmo tratando-se* de procedimento em regime de sigilo, *instaurado* com apoio em depoimento **prestado por agente colaborador na forma** da Lei nº 12.850/2013, **revela-se plenamente legítima** a pretensão de acesso aos autos **daquele cuja** suposta participação em *alegada prática delituosa* **constitui** objeto da delação manifestada ao Ministério Público **e/ou** à Polícia Judiciária, **cabendo** ao Poder Judiciário **garantir-lhe** a possibilidade de conhecimento das peças (**inclusive** das declarações do agente colaborador) a ele referentes.

*Ao assim decidir, garantindo ao delatado, por intermédio de seu Advogado, o direito ao pleno conhecimento dos dados informativos já formalmente incorporados aos autos, **faço-o com apoio** em precedentes desta Corte, **alguns, inclusive, firmados em casos de que fui Relator:***

**“RECLAMAÇÃO. DESRESPEITO AO ENUNCIADO CONSTANTE DA SÚMULA VINCULANTE Nº 14/STF. PERSECUÇÃO PENAL AINDA NA FASE DE INVESTIGAÇÃO POLICIAL. REGIME DE SIGILO. INOPONIBILIDADE AO ADVOGADO CONSTITUÍDO PELO INDICIADO OU PELO RÉU. DIREITO DE DEFESA. COMPREENSÃO GLOBAL DA FUNÇÃO DEFENSIVA. GARANTIA CONSTITUCIONAL. PRERROGATIVA PROFISSIONAL DO ADVOGADO (LEI Nº 8.906/94, ART. 7º, INCISOS XIII E XIV). CONSEQUENTE ACESSO AOS ELEMENTOS PROBATÓRIOS JÁ DOCUMENTADOS, PRODUZIDOS E FORMALMENTE INCORPORADOS AOS AUTOS DA PERSECUÇÃO PENAL (INQUÉRITO POLICIAL OU PROCESSO JUDICIAL) OU A ESTES REGULARMENTE APENSADOS. POSTULADO DA COMUNHÃO OU DA AQUISIÇÃO DA PROVA. PRECEDENTES (STF). DOUTRINA. MEDIDA CAUTELAR DEFERIDA.**

*– O sistema normativo brasileiro assegura ao Advogado regularmente constituído pelo indiciado (ou pelo réu) o direito de pleno acesso aos autos de persecução penal, mesmo que sujeita, em juízo ou fora dele, a regime de sigilo (necessariamente excepcional), limitando-se, no entanto, tal prerrogativa jurídica às provas já produzidas e formalmente incorporadas ao procedimento investigatório, excluídas, conseqüentemente, as informações e providências investigatórias ainda em curso de execução e, por isso mesmo, não documentadas no próprio inquérito ou processo judicial. Precedentes. Doutrina.”*

**(Rcl 18.399-MC/SP, Rel. Min. CELSO DE MELLO)**

Não se pode desconhecer, considerado o modelo constitucional vigente em nosso País, que *qualquer* pessoa **sujeita** a medidas de investigação penal **qualifica-se** como *sujeito de direitos*, **dispondo**, *nessa condição*, **mesmo** na fase pré-processual, de garantias plenamente oponíveis ao poder do Estado (RTJ 168/896-897, Rel. Min. CELSO DE MELLO), **pois** – *não constitui demasia reafirmá-lo* – “**A unilateralidade da investigação penal não autoriza que se desrespeitem as garantias básicas de que se acha investido, mesmo na fase pré-processual, aquele que sofre, por parte do Estado, atos de persecução criminal**” (RTJ 200/300, Rel. Min. CELSO DE MELLO).

É sempre importante lembrar que essa prerrogativa da pessoa sob investigação **também** encontra fundamento no postulado da comunhão da prova, cuja eficácia projeta-se e incide sobre todos os dados informativos que, concernentes à “*informatio delicti*”, compõem o acervo probatório coligido pelas autoridades e agentes estatais.

Esse postulado assume inegável importância **no plano das garantias de ordem jurídica** reconhecidas ao investigado e ao réu, **pois**, *como se sabe*, **o princípio da comunhão (ou da aquisição) da prova assegura** ao que sofre persecução penal – *ainda que submetida esta ao regime de sigilo* – **o direito de conhecer os elementos de informação já existentes nos autos e cujo teor possa ser, eventualmente, de seu interesse, quer** para efeito de exercício da autodefesa, **quer** para desempenho da defesa técnica.

É que a prova penal, uma vez regularmente introduzida no procedimento persecutório, **não pertence** a ninguém, **mas integra** os autos do respectivo inquérito **ou** processo, **constituindo**, *desse modo*, **acervo plenamente acessível** a todos quantos sofram, **em referido procedimento sigiloso**, atos de persecução penal por parte do Estado.

Essa compreensão do tema – *cabe ressaltar* – **é revelada** por autorizado magistério doutrinário (ADALBERTO JOSÉ Q. T. DE CAMARGO ARANHA, “**Da Prova no Processo Penal**”, p. 31, item n. 3,

3ª ed., 1994, Saraiva; DANIEL AMORIM ASSUMPTÃO NEVES, “O Princípio da Comunhão da Prova”, “in” Revista Dialética de Direito Processual (RDDP), vol. 31/19-33, 2005; FERNANDO CAPEZ, “Curso de Processo Penal”, p. 259, item n. 17.7, 7ª ed., 2001, Saraiva; MARCELLUS POLASTRI LIMA, “A Prova Penal”, p. 31, item n. 2, 2ª ed., 2003, Lumen Juris, v.g.), valendo referir, por extremamente relevante, a lição expendida por JOSÉ CARLOS BARBOSA MOREIRA (“O Juiz e a Prova”, “in” Revista de Processo, nº 35, Ano IX, abril/junho de 1984, p. 178/184):

*“E basta pensar no seguinte: se a prova for feita, pouco importa a sua origem. (...). A prova do fato não aumenta nem diminui de valor segundo haja sido trazida por aquele a quem cabia o ônus, ou pelo adversário. A isso se chama o ‘princípio da comunhão da prova’: a prova, depois de feita, é comum, não pertence a quem a faz, pertence ao processo; pouco importa sua fonte, pouco importa sua proveniência. (...).” (grifei)*

Cumpra-se rememorar, ainda, ante a sua inteira pertinência, o magistério de PAULO RANGEL (“Direito Processual Penal”, p. 411/412, item n. 7.5.1, 8ª ed., 2004, Lumen Juris):

*“A palavra comunhão vem do latim ‘communione’, que significa ato ou efeito de comungar, participação em comum em crenças, idéias ou interesses. Referindo-se à prova, portanto, quer-se dizer que a mesma, uma vez no processo, pertence a todos os sujeitos processuais (partes e juiz), não obstante ter sido levada apenas por um deles. (...).*

*O princípio da comunhão da prova é um consectário lógico dos princípios da verdade real e da igualdade das partes na relação jurídico-processual, pois as partes, a fim de estabelecer a verdade histórica nos autos do processo, não abrem mão do meio de prova levado para os autos.*

*(...) Por conclusão, os princípios da verdade real e da igualdade das partes na relação jurídico-processual fazem com que as provas carreadas para os autos pertençam a todos os sujeitos*

*processuais, ou seja, dão origem ao princípio da comunhão das provas.*" (grifei)

**É por tal razão que se impõe assegurar** ao Advogado, em nome de seu constituinte, **o acesso a toda informação já produzida e formalmente incorporada** aos autos da investigação penal em causa, **mesmo porque** o conhecimento do acervo probatório **pode revestir-se de particular relevo** para a própria elaboração da defesa técnica **por parte** do interessado.

**É fundamental, no entanto, para o efeito** referido **nesta** decisão, que os elementos probatórios **já tenham sido formalmente produzidos** nos autos da persecução penal.

**O que não se revela constitucionalmente lícito, segundo entendo, é impedir** que o interessado, *qualquer interessado*, tenha pleno acesso aos dados probatórios que, **já documentados** nos autos (**porque** a estes formalmente incorporados **ou** a eles regularmente apensados), **veiculam** informações **que possam revelar-se úteis** ao conhecimento da verdade real e à condução da defesa da pessoa investigada (como no caso) **ou** processada pelo Estado, **ainda** que o procedimento de persecução penal *esteja submetido a regime de sigilo*.

**O fato irrecusável, no exame da questão do acesso a procedimentos estatais em regime de sigilo – especialmente** naqueles casos em que o Estado se vale *do instituto da colaboração premiada* –, **é um só: o delatado – como assinala a doutrina** (FREDERICO VALDEZ PEREIRA, “Delação Premiada – legitimidade e procedimento”, p. 124/125, item n. 4.2.3.1, 2013, Juruá) –, **tem, constitucionalmente, o direito de confrontar, em sede processual, o colaborador ou delator em razão da prerrogativa do contraditório, assegurada, em juízo, a quem sofre** imputação penal deduzida pelo Estado.

7. Desmembramento da investigação criminal em relação aos que não dispõem de prerrogativa de foro perante o Supremo Tribunal Federal

O eminente Chefe do Ministério Público da União **requer o desmembramento** destes autos em relação àqueles *que não detêm* prerrogativa de foro “*ratione muneris*” **perante** o Supremo Tribunal Federal (fls. 54/55).

Esse pleito do Chefe do Ministério Público da União **encontra apoio** no art. 80 do CPP, **que autoriza** a separação do feito **presente** motivo relevante que torne conveniente a adoção de tal providência, **como sucede** nas hipóteses **em que se registra pluralidade de investigados e/ou denunciados** (**AP 366/AC**, Rel. Min. GILMAR MENDES – **AP 561/PE**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **Inq 1.720/RJ**, Rel. Min. SEPÚLVEDA PERTENCE – **Inq 1.741/MA**, Rel. Min. CELSO DE MELLO – **Inq 2.091/RR**, Rel. Min. AYRES BRITTO – **Pet 3.100/TO**, Rel. Min. CARLOS VELLOSO – **Pet 3.838/RO**, Rel. Min. MARCO AURÉLIO, *v.g.*):

“I. – **O fato** de um dos co-réus ser Deputado Federal **não impede o desmembramento** do feito **com base** no art. 80 do Código de Processo Penal.

II. – **A possibilidade de separação** dos processos **quando conveniente** à instrução penal **é aplicável**, também, em relação ao crime de quadrilha ou bando (art. 288 do Código Penal).

III. – **Agravos não providos.**”

(**AP 336-AgR/TO**, Rel. Min. CARLOS VELLOSO, **Pleno – grifei**)

**“INQUÉRITO. IMPUTAÇÃO DOS CRIMES DE PECULATO (ART. 312 DO CÓDIGO PENAL) E FRAUDE À LICITAÇÃO (ART. 89 DA LEI 8.666/1993). DESMEMBRAMENTO EM RELAÇÃO AOS DENUNCIADOS QUE NÃO POSSUEM PRERROGATIVA DE FORO. AGRAVO REGIMENTAL. RECURSO A QUE SE NEGA PROVIMENTO.**”

1. O Plenário do Supremo Tribunal Federal consolidou o entendimento de que o desmembramento deve ser a regra, diante da manifesta excepcionalidade do foro por prerrogativa de função, ressalvadas as hipóteses em que a separação possa causar prejuízo relevante. Precedente.

.....  
3. Agravo regimental a que se nega provimento.”

(Inq 2.671-AgR/AP, Rel. Min. TEORI ZAVASCKI – grifei)

“– A cisão da causa penal, de caráter meramente facultativo, fundada em qualquer das hipóteses previstas no art. 80 do CPP (entre as quais, a ocorrência de motivo relevante que torne conveniente a adoção de referida separação), pode efetivar-se, de modo legítimo, sempre a critério do órgão judiciário competente, ainda que configurada, na espécie, a existência de vínculo de conexão ou de relação de continência e não obstante presentes, no procedimento persecutório, investigados detentores de prerrogativa de foro. Precedentes.”

(Inq 2.601-QO/RJ, Rel. Min. CELSO DE MELLO)

8. Autorização para abertura de inquéritos individualizados em relação a Senador da República e a Ministro de Estado e deferimento de outros pedidos

Sendo assim, e em face das razões expostas, defiro o pedido formulado pelo eminente Procurador-Geral da República e, em consequência, determino:

(a) a instauração de inquérito em relação a Aloizio Mercadante Oliva, “Com ulterior distribuição autônoma do feito no âmbito da competência do Supremo Tribunal Federal” (fls. 54), preservado o regime de sigilo;

(b) a instauração de inquérito em relação a Aloysio Nunes Ferreira Filho, igualmente “Com ulterior distribuição autônoma do

feito no âmbito da competência do Supremo Tribunal Federal” (fls. 54), **preservado** o regime de sigilo;

(c) **o desmembramento** deste feito *com relação* a José de Fillipi Junior, a Valdemar da Costa Neto e a Hélio Costa; e

(d) à Secretaria Judiciária, **em razão** do que se contém na letra “c”, **que providencie a extração de cópias integrais** dos presentes autos e **a remessa** de mencionadas cópias, **preservado** o regime de sigilo, **salvo** deliberação ulterior dos órgãos judiciários competentes, à **Justiça Eleitoral** de São Paulo (Capital) e de Minas Gerais (Belo Horizonte) **para apuração** dos fatos **concernentes**, *respectivamente*, a José de Fillipi Junior e a Valdemar da Costa Neto (São Paulo) e a Hélio Costa (Minas Gerais), **observada a indicação** feita pelo eminente Procurador-Geral da República no item n. 3.1 de sua promoção (fls. 54). **O encaminhamento** ora determinado **far-se-á por intermédio** dos respectivos TRE's (SP e MG).

**Asseguro**, *finalmente*, **ao Senador** Aloysio Nunes Ferreira Filho e a seus Advogados, **considerado** o pedido por eles formulado (PG/STF-0045850/2015), *o acesso integral aos autos*, **inclusive** ao “*Termo de Colaboração nº 29*” **prestado**, *em regime de colaboração premiada*, por Ricardo Ribeiro Pessoa.

**Comunique-se**, *transmitindo-se cópia* da presente decisão ao eminente Senhor Procurador-Geral da República.

Publique-se.

Brasília, 22 de setembro de 2015.

Ministro CELSO DE MELLO  
Relator